

OMS liga saúde a desenvolvimento

NELSON FRANCO JOBIM

Correspondente

LONDRES – O Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial (Bird) devem consultar a Organização Mundial de Saúde (OMS) e outros órgãos das Nações Unidas antes de propor cortes orçamentários em países em crise para preservar serviços sociais básicos, afirmou ontem a diretora-geral da OMS, a ex-primeira-ministra da Noruega Gro Harlem Brundtland. Ao participar ontem em Londres da conferência *Oportunidade mundial de saúde: desenvolver a saúde para reduzir a pobreza*, ela lamentou a falta de consulta entre os órgãos, enquanto a secretária para Desenvolvimento Internacional do governo britânico, deputada Clare Short, acrescentou que “o FMI concorda com a manutenção de serviços básicos, como vacinação em massa e assistência materno-infantil”.

Globalização – Clare Short admitiu que a globalização está aumentando a riqueza, mas piorando a distribuição da renda: “Precisamos usar parte desta riqueza para garantir saúde e educação para todos”, afirmou. Às vezes, completou Brundtland, “não é uma questão diretamente relacionada com a riqueza. Temos países ricos, como os Estados Unidos, que não garantem acesso à saúde para todos, e países que simplesmente não têm sistema de saúde. Precisamos garantir acesso universal.” A meta de OMS é atingir este objetivo até 2015.

O tema central da conferência foi destacar a relação entre saúde e desenvolvimento econômico. “A pobreza gera a doença e a doença aumenta a pobreza”, afirmou Gro Brundtland. “Não é apenas uma questão moral. É também uma questão econômica. É uma boa idéia investir em saúde. Pequenas intervenções podem fazer uma grande diferença.”

Um dos estudos apresentados à conferência foi *Saúde e riqueza das*

nações, dos professores David Bloom, da Universidade de Harvard, nos EUA, e David Canning, da Queen's University, de Belfast, Irlanda do Norte. Eles constataram que, em dois países com condições econômicas semelhantes, se num deles a expectativa de vida for cinco anos maior, isto vai se traduzir numa taxa de crescimento anual de 0,3 a 0,5 ponto percentual a mais. É uma diferença importante, considerando-se que o crescimento da renda média foi de apenas 2% ao ano entre 1965 e 1990.

Saudáveis e ricos – Existem várias razões para concluir que o desenvolvimento da saúde aumenta a riqueza, dizem os pesquisadores: “Populações mais saudáveis tendem a ter maior produtividade porque seus trabalhadores têm mais energia física e são mentalmente mais fortes. Perdem menos dias de trabalho com doenças ou tendo de cuidar de problemas de saúde na família. Pessoas mais saudáveis têm mais incentivos para investir em melhor qualificação, em estudar mais e isto geralmente leva a promoções e melhores salários.” E prosseguem:

“A longevidade estimula a poupar para a aposentadoria e maior poupança significa mais capital para investimentos. A melhoria das condições de saúde em países em desenvolvimento tende a beneficiar velhos e crianças, levando à queda nas taxas de natalidade e mortalidade. Isto muda a pirâmide etária.”

Geralmente se teme que o aumento da expectativa de vida signifique maior contingente de aposentados e drene os recursos para o crescimento econômico. Na pesquisa de Bloom e Canning, os dados indicam o contrário: “Muitas pessoas de idade trabalham ou cuidam de crianças para que os pais delas trabalhem. As pessoas de idade tendem a poupar mais e ainda passam o conhecimento acumulado às novas gerações.”

14 MAI 1999

JORNAL DO BRASIL